



Experimentando o telejornalismo: perspectivas iniciais sobre o programa A Liga¹

Eloísa Joseane da Cunha KLEIN²

RESUMO

O texto faz uma descrição do modo geral de funcionamento do programa A Liga, analisando seus aspectos estruturais, as possibilidades oferecidas pela estratégia que orienta o programa, as pertinências à discussão do telejornalismo e também as dificuldades que se apresentam neste formato. Para tanto, o texto faz uma síntese da forma como o programa se apresenta para ser visto pelos espectadores, trabalha alguns referenciais do jornalismo e da reportagem e analisa edições que correspondem a este propósito.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; informação-entretenimento; reportagem

1. Introdução

O presente texto é consequência do acompanhamento contínuo dos programas com caráter telejornalístico pela autora, pela possibilidade que oferecem de tensionamento aos elementos fundamentais do setor, aspecto de extrema relevância para o desenvolvimento da tese em andamento, que trata de um estudo de caso do Programa Profissão Repórter.

A Liga dialoga com Profissão Repórter em termos de proposta e compete em horário e audiência presumida (vai ao ar no mesmo dia da semana, terça-feira). Nesta associação entre os dois programas é que se encontra a principal justificativa para a realização deste trabalho, além é claro, de compreender os modos de funcionamento de um programa recentemente inaugurado na TV brasileira. Não tenho, entretanto, o objetivo de fazer um estudo comparativo e nem mesmo fazer a crítica ou elogio de um programa à luz do outro.

O objetivo é levantar textualmente os elementos trazidos à tona por A Liga (estilo de reportagem, de entrevista, de montagem dos blocos, de uso de aparatos

¹ Trabalho apresentado no XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (UCS - Caxias do Sul/RS - 2 a 6 de setembro), no X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação. Grupo de Pesquisa em Telejornalismo.

² Jornalista. Doutoranda em Comunicação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).



tecnológicos) com o intento de melhor compreendê-lo e de possibilitar um tensionamento com aspectos do meu objeto central de estudo, o Profissão Repórter.

Quanto aos aspectos metodológicos, trabalho com a sistematização das informações sobre A Liga que permitem o entendimento de como o programa oferece a sua proposta de funcionamento aos espectadores (seja pela circulação das informações referentes ao programa em portais de notícia e blogs ou pela concessão de entrevista pelos apresentadores). Além disso, sistematizo os elementos gerais da estrutura de A Liga: como os apresentadores se portam, como são feitas as entrevistas, como se estrutura a narrativa geral do programa, como os repórteres que não são nativos do campo do jornalismo atuam com relação aos preceitos do jornalismo e aos entrevistados e de que forma o relato pessoal, lançado como grande diferencial do programa, se desenvolve nestas edições já veiculadas.

Finalmente, e para o próprio desenvolvimento das questões anteriormente levantadas sobre o objeto empírico, me amparo na bibliografia da área que trata de assuntos como jornalismo, reportagem, relação entre informação e entretenimento, elementos da manifestação do repórter como sujeito da reportagem.

2. Aspectos gerais sobre o programa e da proposta manifesta aos espectadores

A liga é um programa com formato implementado com sucesso na Espanha, Chile e Argentina e, no Brasil, é produzida pela Cuatro Cabezas, a produtora argentina também responsável pelo CQC³. O programa foi criado pela Eyeworks-Cuabro Cabezas. Foi indicado ao Emmy e venceu o New York Festival 2009, na categoria melhor reportagem investigativa. Recebeu o Prêmio Martin Fierro de jornalismo, o mais prestigiado da Argentina. No Brasil, o programa iniciou em 4 de maio, pela Band, tendo sido feitas mais de 20 edições antes desta data.

O programa era previsto para 2009, mas acabou iniciando em 2010, substituindo o E24⁴. Em coluna, Flávio Ricco comentou que “A Liga é visto, internamente, como um dos principais lançamentos da emissora para a atual temporada. É definido como jornalístico, mas procura mostrar com humor, drama e dose de acidez várias maneiras

³ A empresa já produz o “CQC” e o “Polícia 24h” e, desde julho, o *talk-show* “O Formigueiro”, comandado por Marco Luque, todos pela Band. Neste último, atrações musicais e comédia “stand-up”.

⁴ O programa “E24” acompanha ocorrências reais com fratura exposta, acidentes de moto, ferimentos por arma de fogo e outros do gênero. Enquanto a Band apresentar A Liga, o E24 não será apresentado, mas não está descartado.



de se contar ao público uma mesma notícia”. O site oficial descreve desta forma o formato: “o programa exhibe, em tempo real, os registros de várias câmeras que trabalham paralelamente, gerando uma colagem de imagens que mostram os contrastes e contrapontos de cada tema”.

A Liga é uma versão do argentino “La Liga”, tem cunho jornalístico e faz reportagens com temáticas sociais, políticas e ambientais (<http://natelinha.uol.com.br>). A proposta é de realizar reportagens e docudrama, abordando um assunto por programa, a partir da ótica de cada um dos quatro apresentadores/repórteres (na verdade, são dois jornalistas, duas atrizes e um happer), e com recursos de imagem como o uso de duas situações diferentes na mesma tela, a aceleração ou uso de câmera lenta.

Fazem parte do programa Rafinha Bastos (jornalista e humorista, um dos apresentadores do CQC), Débora Vilalba (jornalista que já atuou na Globo e na Record), Thaíde (rapper, que já coordenou um programa na TV Cultura de São Paulo), Rosanne Mulholland (atriz, atuou em "Falsa Loura", "Nome Próprio" e "A Concepção". Participou de produções como "Sete Pecados", "JK" e "A Grande Família" - da Globo, e de Água na Boca – da Record) e Tainá Muller (atriz) – esta última com participações especiais.

Cada um dos repórteres trabalha individualmente. A intenção, anunciada na página do programa, é de possam

mergulhar no fato intensamente, sofrendo, sorrindo, se emocionando e superando a si mesmos para sentir na pele a realidade vivida pelos verdadeiros protagonistas de cada história. (...) Eles tocam na realidade, olham de perto. Ao participarem de um mundo do qual nunca fizeram parte, a indiferença vai embora. A cada passo, o envolvimento do repórter - assim como o do telespectador - aumenta. Entram em cena a surpresa, a indignação, a reflexão e a opinião.

Este tipo de declaração é sintetizado por Rafinha Bastos em *chat no eband* ao definir a proposta de A Liga como jornalismo vivencial, conceito ligado ao jornalismo gonzo. “O objetivo é fazer um belo programa, contando boas histórias e se aprofundando vivencialmente em realidades que a gente costuma nem olhar. Tem de tudo, programas leves e divertidos. E programas densos e mais pesados”.

O relato pessoal é o eixo central de “A Liga”, conforme entrevista do diretor no Brasil da Cuatro Cabezas, Diego Barredo, à Folha *online*. A Liga tem como foco o jornalismo, mas pela relação do repórter com o tema, seguidamente mostra emoção também. A estréia do programa foi anunciada pela Agência Estado como prometendo “edição de videoclipe, bastidores da notícia à "Profissão Repórter" e muita polêmica”.



Para a Agência Estado, a atriz Rosanne Mulholland disse ter ficado apreensiva com o programa. “É uma exposição muito pessoal. É você ali conversando, vivendo as situações (...). Não é o tipo de jornalismo sério e imparcial que as pessoas conhecem. (...) As nossas reações são muito importantes para o programa”. Por não ser jornalista, Rosanne conversou com Rafinha Bastos, de quem disse ter recebido a dica de que “é importante conquistar as pessoas antes de entrar nos assuntos para que elas se sintam à vontade”.

Em conversa com internautas, Rafinha Bastos falou sobre aspectos de A Liga. “A Liga não é um programa de humor. Eu não faço humor ali, aliás, se tiver algo engraçado eu tenho toda liberdade pra fazer piada, mas muitas vezes isso não faz o menor sentido”. “No *Proteste Já* eu intermediava a relação do público com a autoridade. Na Liga eu tenho a possibilidade de contar histórias de forma mais aprofundada e pessoal. É mais vivencial que o CQC”. “Às vezes faço jornadas de 30 horas de gravação na Liga. (...) Algumas pautas são muito desgastantes. Chega uma hora que é difícil pensar muita coisa”. “Sou comediante, gosto de ser, mas também sou jornalista. Tive que separar as duas coisas claramente. (...) Espero que o público entenda. O objetivo é fazer um belo programa contando boas histórias e se aprofundando em realidades que a gente costuma nem olhar”.

A notícia de divulgação do primeiro programa, que foi publicada por vários portais de notícia e reproduzida em diversos blogs, deu ênfase ao relato de Rafinha Bastos, que se fez passar por morador de rua. A Folha (<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada>) fez o seguinte recorte:

Para a proteção, tem sempre uma pessoa de vigília na hora que os outros dormem, já que pode chegar alguém para agredir, ensina um grupo de garotos que mora nas ruas de São Paulo a Rafinha Bastos. O risco impressiona Rafinha, um dos apresentadores de “A Liga”. (...) “Se chegasse alguém batendo em todo mundo, eu era todo mundo. E a filmagem ia continuar”.

Rafinha Bastos passou 24 horas vivendo como um morador de rua e entre eles, sem nenhum pertence, nem mesmo dinheiro ou celular, e as imagens foram capturadas de longe neste período, para que o repórter não fosse identificado. Sobre a experiência, o repórter disse que tem o significado de “mostrar o que a gente vê todo dia, mas não imagina como é. Uma pessoa te despreza, e, logo depois, passa outro e te oferece ajuda. É alto e baixo toda hora. Isso me marcou”.

A atriz Rosanne Mulholland contou à Agência Estado que uma equipe de produção atua na preparação da reportagem e ajuda a escolher a melhor forma de



abordar um assunto. Os apresentadores assistem às versões exibidas na Espanha, no Chile e na Argentina. A atriz explica que poucas vezes encontra os demais apresentadores, já que cada um cuida de sua parte separadamente. Para ela, trabalhar como repórter é uma excelente maneira de se aprimorar como atriz. "É um grande laboratório, pois tenho conhecido pessoas, realidades e profissões muito diferentes".

A jornalista Thais Kuzman (Colherada Cultural) sugere que o programa se coloca como opção entre os tradicionais programas de entretenimento e jornalismo. Com “uma edição ágil e jeitão de improviso, mistura a cara de ensaio proposta pelo ‘Profissão Repórter’, da TV Globo, com a inserção dos apresentadores no ambiente de estudo para uma experimentação mais próxima da real – algo nos moldes de ‘Trabalho Sujo’, exibido no Brasil pelo Discovery⁵”.

De acordo com a medição do Ibope, o programa de estréia (sobre moradores de rua de São Paulo, Rio de Janeiro e Recife) registrou média de seis pontos e pico de oito pontos na grande São Paulo (ofuxico.terra.com.br/materia/noticia/). Ainda que com o programa a emissora tenha ficado em quarto lugar na preferência dos espectadores, o índice é o dobro alcançado com relação à terça-feira anterior (27 de abril) que foi de apenas dois pontos.

O programa sobre prostituição alcançou oito pontos no Ibope (a melhor média desde a estréia), considerando que cada ponto equivale a 60 mil casas na Grande São Paulo (no programa, uma atriz recebeu dicas de uma prostituta e ficou nas ruas de São Paulo oferecendo e recebendo propostas de clientes. Além disso, foram entrevistados garotos de programa e travestis). Em 13 de julho, a edição sobre adolescentes e sexo marcou 6.7 de média (11%) e picos de nove pontos (Globo 18.9; Record 10.5; SBT 8.1; RedeTV! 3.1).

3. Estrutura organizativa e características do programa

A Liga vai ao ar às terças-feiras, na faixa de horário das 22h, na Band, com duração de aproximadamente uma hora⁶. O programa é antecedido pelo *Vídeo News*, que mistura jornalismo e entretenimento (antes deste, cujo horário é previsto para 22h em ponto, outros programas oscilam na faixa das 21h, como Band Mania, criado para a

⁵ O apresentador trabalha em várias atividades, como ele próprio descreve no anúncio do programa: “Sou novato todos os dias. Está certo que eu não me surpreendo mais com um camelo, ficar a duzentos metros de altura ou carregar privadas por aí”.

⁶ O programa geralmente é encerrado após às 23h20, poucos minutos antes do Programa Profissão Repórter, na Rede Globo.



copa do mundo, e seriados), e sucedido pelo humorístico *É tudo improviso*. A Liga geralmente tem quatro blocos, com intervalos de cerca de quatro minutos (primeiro dia, anunciantes: programa da *Band*; *Casas Bahia*; *Actívia*; *Rexona*; *Ford Fiesta*; *Dove*; *Jogo aberto - Band*; *Manlec*; *Projeto Pescar* (com apoio da *Band*); *Casas Bahia*; *Tribunal na TV – Band*). Entre 04/05/2010 e 13/07/2010 foram tratados os assuntos: moradores de rua, tríplice fronteira, presídios, pessoas que se sustentam a partir da morte, trabalhadores que vivem do lixo, prostituição, alimentação dos brasileiros, adolescentes e sexo (sendo que estas últimas tiveram um caráter mais comportamental).

A abertura é feita em estúdio, com os quatro apresentadores falando de forma geral sobre a temática, com frequência lançando perguntas ou dados estatísticos. No trecho da abertura, as câmeras usam movimentos parecidos com os do CQC, como distorção, zoom para aproximação e afastamento (Dolly) e movimentos rápidos. A abertura costuma ser um momento de maior soltura ou descontração, às vezes abandonando o caráter jornalístico, ainda quando será abordado um assunto sério e duro, como a morte. Na edição que trata sobre a morte, os apresentadores aparecem caracterizados como personagens, num cenário de velório: iluminação sombria, velas, caixão, coroas de flores e inclusive figuração. Cada apresentador lê um trecho do texto da abertura e após executa uma função teatralizada: acender velas, chorar, abrir o caixão – no qual se encontra Rafinha Bastos.

As características de filmagem da abertura reaparecem no decorrer do programa, sobretudo quando os repórteres manifestam suas emoções ou reações de espanto, surpresa ou repulsa quanto ao que presenciam. Além disso, são usados recursos gráficos: mapas, fotografia de satélite (por exemplo, de uma cidade, bairro ou setor de uma cidade), infográficos (por exemplo, para recriar simbolicamente o número de pessoas que foram abordadas por Rafinha quando se passava por morador de rua). Seguidamente são feitas referências ao tempo, em falas e textos de caracteres que aparecem no vídeo (estou aqui há três horas, vou acompanhar a família por um dia, aconteceu há dezessete minutos).

Apesar de os repórteres trabalharem individualmente (e de não haver o hábito das reuniões de equipe durante a reportagem entre eles), o acompanhamento dos personagens pelo mesmo período de tempo ou o acompanhamento de pessoas que realizam as mesmas atividades com frequência é responsável por uma organização temática interna da reportagem: a dificuldade em se usar o banheiro quando se é morador de rua, a prevenção de doenças pelos travestis, garotos de programa e



prostitutas, a reflexão sobre a vida quando se trabalha com a morte – ou os abalos psicológicos relacionados a estas profissões.

A montagem trabalha com a fragmentação de imagens, cortando de um plano de filmagem e ângulo para outro, na mesma cena, e também com a fragmentação de temas/abordagens, ao modo de Profissão Repórter (e com a idéia de tempo real). O programa oscila na apresentação das reportagens feitas por cada repórter/apresentador. O corte é acompanhado de um texto que “monta” a associação do trecho a ser exibido com o anterior e, a exemplo da abertura, seguidamente formula questionamentos: Rafinha/off: “Meu primeiro contato com os moradores de rua mudou a impressão que habitualmente temos deles. Não esperava encontrar tanta solidariedade. Mas será que é assim para todo mundo que mora na rua?” – corta para cena em que família é expulsa da escadaria de um banco.

O texto que faz a ligação entre o trabalho dos repórteres geralmente faz perguntas que não podem ser respondidas nem pela reportagem que está sendo transmitida, nem pelos apresentadores, nem sequer pelos entrevistados, já que estes não são perguntados a respeito. Estas perguntas, quase sempre com caráter filosófico, só poderiam ser respondidas por uma espécie de “consciência do espectador”.

- como é possível suportar essa rotina?
- como é possível que um menino acabe nesta situação?
- como é possível que uma pessoa trate a outra como animal, xingando e cuspiendo?

Durante as reportagens, os repórteres utilizam várias táticas de coleta de dados e entrevistas, algumas incomuns nos programas de notícia ou reportagem da televisão aberta brasileira. Por vezes, os repórteres constroem uma personagem fictícia para si mesmos, relacionada ao tema. Outras vezes, trabalham lado a lado com algum profissional. Em outras circunstâncias ficam ao lado do entrevistado para passar pela mesma experiência. Ou optam por acompanhar o personagem da matéria, construir seu perfil por gravação e observação e realizar entrevistas.

O recorte temporal costuma ser de um dia (24h acompanhando uma mulher que pega sobras de comida para alimentar os filhos, 24h vivendo como morador de rua, 24h acompanhando uma família que mora nas ruas) ou um turno (a noite na delegacia, o dia de trabalho no necrotério). Neste período, o repórter “gruda” no entrevistado e acompanha – e seguidamente também faz – tudo o que ele fizer.

Ao fim de cada dia/turno, ou mesmo durante o acompanhamento de algum personagem e realização da reportagem (sobretudo quando sente medo, apreensão,



cansaço, repulsa ou quando se sente incapaz de continuar), cada repórter relata como se sentiu realizando aquela experiência, o que aprendeu sobre ela e quais as expectativas a ela relacionadas. Os blocos costumam ser encerrados com o relato pessoal do repórter que será exibido na íntegra no bloco a seguir. O encerramento geral do programa geralmente se vale deste tipo de gravação.

4. O repórter como personagem, como novato, como experimentador

A proposta de fazer do relato pessoal do repórter o eixo estrutural do programa é coerente com as edições até então apresentadas. Este relato não é feito de forma integral, como se fosse uma grande opinião sobre a reportagem, mas fracionado, de acordo com os momentos e atividades realizadas pelos repórteres.

Para isso, no decorrer da reportagem são manifestadas expressões não verbais, como a movimentação das mãos, os sorrisos, as piscadas, a mexida do cabelo pela repórter-atriz, a formação de rugas de tensão no rosto, a elevação das sobrancelhas e curvamento da boca indicando aborrecimento, frustração ou tristeza, os gestos rápidos e a voz elevada, indicando irritação (Rafinha Bastos aparece agitando os braços, resmungando e se mexendo intensamente na esquina em que pede esmolas), a virada de direção do corpo em 180^o, como vontade de sair da situação presenciada (Rosanne Mulholland vira o corpo e leva as mãos ao rosto, na sala de necropsia, quando o cérebro do homem morto é serrado).

Também é dada ênfase para a realização de pequenos depoimentos dos repórteres, quando, numa situação confusa, olham direto para a câmera e dão um parecer, como Tainá, apoiada no carrinho das crianças da família de moradores de rua:

É muito, muito triste ver duas crianças nesta situação. No início da matéria eu cheguei a ficar enjoada. O estômago chegou a revoltar. Mas eu procurei segurar porque a Rose falou que sente vergonha quando vê que as pessoas sentem pena dela. Eu acho que realmente deve ser muito incômodo, por isso eu segurei. Mas é muito, muito triste.

Há ocasiões em que o repórter usa o recurso de se passar por uma personagem – e não só experimentar a atividade que o entrevistado desenvolve. É o caso da primeira edição (04/05) sobre moradores de rua, em que Rafinha Bastos usa figurino e maquiagem (incluindo uma imensa barba e um cabelo desgrenhado) para se passar por morador de rua; e a edição sobre prostituição (15/06), na qual a atriz Tainá Muller recebe dicas de uma prostituta sobre comportamento, postura, fala e preço; e adota uma



maquiagem pesada, peruca e vestimenta sensual (decote, calça justa, sandália de salto alto – tudo preto) para se passar por garota de programa.

A crítica a este tipo de procedimento se dá justamente pela não identificação do repórter, ainda que atue como tal. Rafinha Bastos, por exemplo, entrevista os moradores de rua aos quais se junta simulando uma conversa. Ele se apresenta como recém-chegado do interior e pergunta como conseguir um cobertor e se as pessoas costumam dar estas coisas aos moradores da rua (ao que o rapaz lhe oferece um cobertor de seu próprio uso). A isso se sucede a entrevista:

- Quanto tempo faz que você está na rua?
- Desde 2003 – diz o rapaz
- Você também?
- Dois anos. Quer dizer, dois meses – diz uma moça.
- Por que você veio morar nas ruas?
- Minha mãe me batia – responde a moça.
- Por que sua mãe te batia?
- Porque ela misturava tudo que é tipo de cachaça, faixa preta.
- Ela te batia feio?
- Ela tem umas marcas nas pernas – completa o rapaz.

Os moradores de rua agem como se falassem com um colega com quem compartilham a mesma experiência de vida e seguem a conversação. Mas na verdade, obviamente estão sendo entrevistados.

Por outro lado, ao simular ser um morador de rua, o repórter passa por situações que dificilmente seriam alvo de perguntas por um entrevistador: ele ouve a recusa três estabelecimentos e depois recebe a indicação de uma lanchonete que lhe permitiria usar o banheiro. Ao fim da reportagem, depois de ficar deitado na calçada fria durante a madrugada, o repórter reúne as moedas de doações para comprar um café, mas mesmo pagando pelo produto não pode bebê-lo no interior do bar. Ele fica visivelmente revoltado (vira as costas ao estabelecimento, senta num muro e bufa: “será que o dinheiro deles vale mais do que o meu?”).

Como proposição reflexiva, esta situação oferece um ganho se comparada ao formato tradicional de uma reportagem de televisão e, com isso, estimula a geração de uma informação nova ou diferente. O complemento da reportagem, sobre o assunto, não segue a mesma tendência de aprofundamento. Thaíde pergunta ao dono do bar por que Rafinha não pôde entrar, mas as respostas irônicas são tratadas também com ironia.



Outros dois estabelecimentos são consultados e uma entrevistada explica que a impossibilidade de ingresso de moradores de rua leva em conta aspectos de higiene dos usuários. O fecho, entretanto, novamente se dá com reflexões abstratas: “fica difícil para o comerciante”.

Quanto ao caso da atriz que se fez passar por prostituta, dada a impossibilidade de levar a cabo a experiência em sua totalidade, o que Tainá faz é efetivamente agir como atriz, construir uma boa personagem e interagir com os homens que a assediam como se estivesse num trabalho teatral (inventa preços, repete gírias, tom de voz e movimentos corporais das outras garotas de programa). A matéria gravada poderia bem ter sido feita pelo acompanhamento de qualquer outra mulher e não há sentido atribuído ao papel de repórter à situação.

Há uma situação um pouco desajustada com relação aos demais experimentos do programa, referente ao programa sobre a alimentação dos brasileiros (22/06), no qual a repórter Débora Vilalba cria e se submete a uma dieta que ela intitula de dieta dos aposentados, com duração de uma semana, período também estipulado por ela. Débora pergunta aos idosos o que eles costumam comer e a partir de anotações monta uma dieta auxiliada por uma nutricionista, levando em conta o orçamento dos aposentados, de R\$ 5,00 por dia/ por pessoa.

Como não é ela quem cozinha os alimentos, ela os recebe em potes plásticos, com a data e o horário afixados em cima – e segundo sua descrição, sem tempero e sem carne. Os idosos disseram jantar mingau. Ela não leva em consideração a idade dos entrevistados para a escolha do prato, mas o adota em sua dieta – o que a leva a fazer caretas para a câmera toda hora do jantar. A proposta da repórter se transformou num diário alimentício de uma dieta forçada, cheio de reclamações e resmungos.

Em outros casos, o repórter trabalha junto com o entrevistado, como na edição sobre morte, quando Thaíde auxilia um coveiro no trabalho de exumação de cadáveres e abertura de sepulturas e Rafinha Bastos ajuda uma família de proprietários de funerária a vestir e maquiagem um corpo. Este tipo de escolha define um ajuste apropriado à intenção da TV de *mostrar como se faz* e não *dizer como se faz* o trabalho, porque, como eles não sabem o que fazer, precisam ser instruídos, desde o uso da vestimenta, manuseio de ferramentas até a operacionalização da atividade em si. E a surpresa com o tipo de resultado que cada gesto operado proporciona resulta em conteúdo que passa a ser endereçado ao espectador. Thaíde se espanta tanto com o corpo decomposto que segura



e olha fixo para a mão de um cadáver, sem acreditar no que está vendo. Os restos do morto são filmados e aparecem sem nenhum tipo de censura, incluindo o crânio.

Em alguns programas, o acompanhamento dos entrevistados por um período de tempo consideravelmente maior do que aquele frequentemente destinado por uma matéria especial ou bloco de reportagem de um programa a um personagem, permite que o repórter observe situações que de outro modo não veriam.

A repórter Débora Vilalba acompanhou um grupo de meninos de rua enquanto caminhavam, conversavam, pediam esmolas, engraxavam, quando foram a uma Organização Não Governamental para brincar e fazer um lanche e, inclusive, quando usaram drogas. Um dos garotos estendeu a garrafa com droga para que ela percebesse qual era o cheiro.

– quer ver?

– é forte o cheiro. Qual é a sensação quando você cheira?

– fica tranqüilo...

A repórter/atriz Tainá acompanhou a rotina de uma família de moradores de rua durante 24h. Almoçou com eles e acompanhou a tensão das brigas, barulho e confusão no restaurante popular. Estendeu um papelão e um cobertor e deitou-se, para dormir, bem próxima deles, com uma câmera posta bem em frente aos seus olhos. Tempo depois, acordou com um homem gritando (a imagem é de Tainá com os olhos arregalados, buscando decifrar o que os gritos significavam e cochichando para a câmera: parece que eles estão sendo expulsos). A cena é gravada em total proximidade, incluindo toda a discussão. A ordem vinha de um guarda e era de que a família se retirasse do local. A criança chorou e vomitou. A mulher gritava em desespero ao guarda. Por fim, houve consenso de que ficassem. Na manhã seguinte, os abraçou como velhos conhecidos antes de ir embora, com visível tristeza (corpo inclinado para frente, boca contorcida para baixo e olhos baixos e umedecidos) por ter que deixá-los naquela situação, apenas podendo desejar que as coisas melhorassem.

A sensação de impotência foi partilhada por telespectadores. Em blogs na internet, algumas pessoas fizeram referência ao programa com especial interesse em obter informações sobre a família, alguns pedindo “por favor” que dessem notícias.

É neste ponto que este tipo de tensionamento emocional a um problema (que, desde meu ponto de vista, é relevante) esbarra, pela incapacidade do jornalismo em oferecer soluções para aqueles dramas reais apresentados como amostra de um drama social, que é partilhado por milhares de pessoas. O jornalismo seleciona uma situação

ou personagem pontuais, permite que se vivencie coletivamente uma situação via mídia, mas não pode intervir, exatamente porque aquele é um caso entre muitos e sua atribuição é a informação. E a partilha da impotência parece um resultado deste tipo de ação, que tenta ultrapassar a informação geral, permitir um sentimento de socialização de experiência, mas que não pode promover a resolução do problema.

5. Considerações finais

O jornalismo é uma prática social, cujas características estão relacionadas a seu tempo e sociedade. Assim, a modificação na estrutura da reportagem na televisão relaciona-se aos modos como uma sociedade experimenta sua mídia, como a insere em suas práticas sociais. O gênero, neste sentido, é visto como “estratégia de comunicação, ligada profundamente aos vários universos culturais” (BARBERO, 1995, 64).

A mudança na relação da televisão com os espectadores, que da distância passa à proximidade e contato, que de um informante sobre o mundo lá fora passa a ser “um lugar de vida” para o espectador (LEAL, VALLE, 2008, p. 11) é notável quando analisamos programas específicos, pela transformação no jeito como se conta uma história, no tipo de abordagem que se faz a um personagem, no tempo e no ritmo da montagem, no uso de tecnologia para tornar um assunto agradável (no sentido de proporcionar a vontade de assistir, de se inteirar sobre o assunto – e não de se divertir).

Este lugar epistemológico se coloca na contramão de uma concepção estanque e teoricamente abstrata do jornalismo, que segue enquadrando textos como sendo ou não jornalísticos a partir de graus de objetividade correspondentes a outros modos de perceber a realidade, de experimentar a mídia e de viver as experiências sociais, que não são mais os modos hegemônicos em nossa sociedade.

A Liga é um programa de motivação jornalística, de estrutura basicamente vinculada ao gênero da reportagem, mas que às vezes usa elementos muito próximos de outros campos, como a arte. Em todo caso, o programa faz reportagens e explora, de modo tateante, possibilidades de fazer televisão no século XXI, recorrendo a táticas já experimentadas (a tradicional coleta de dados, como os dados estatísticos, a entrevista a fontes oficiais, como um coordenador de uma instituição especializada em atendimento a crianças, a escolha de personagens), táticas polêmicas (como se fazer passar por um personagem) e estratégias próprias do meio televisivo de atrair pessoas de outras áreas (fundamentalmente setores artísticos) para o trabalho na TV.



A presença de profissionais das artes atuando como repórteres deve ser um elemento polêmico na área de estudo. O que define o profissional é sua atuação enquanto interage numa situação social que exige dele a execução de sua atividade (somada à autorização de um campo para exercê-la) e, neste sentido, a colocação destes repórteres-atrizes/cantores entrevistando pessoas sobre temas como assassinato, tráfico de drogas e armas, prostituição, que não são assuntos leves e humorísticos, levanta uma série de questões ao trabalho do repórter, sobre a forma como ele é desenvolvido e replicado pela cultura de uma sociedade em vias de midiaticização.

A atriz Rosanne Mulholland, por exemplo, fez questões pontuais, complexas, diretas ao entrevistar um contrabandista enquanto cruzava, com ele, a ponte que divide Brasil e Paraguai. Já a jornalista Débora Vilalba não teve sucesso ao tentar reproduzir uma espécie de dieta oriunda de informações de dois entrevistados, com o propósito de tornar concreto um tipo de informação abstrata, para ser mostrada na televisão.

O tateante jornalismo da televisão contemporânea tenta perceber as formas de receber informação e de interagir socialmente com a informação que se constituem nos processos sociais marcados pela midiaticização da sociedade (e por ser tateante, certamente é susceptível a erros). A busca de aportes nos setores de entretenimento tem se oferecido como suporte para a suavização da narrativa oferecida no produto telejornalístico. O campo do jornalismo sofre uma tensão “pelos dimensões de prazer e diversão que o entretenimento carrega” (MAURÍCIO, 2009, p. 8).

Uma outra parte deste conflito é carregada diretamente pelas interações sociais. A Liga iniciou em maio e as edições já estão todas picotadas na internet, reproduzidas no YouTube, o programa já tem blog específico criado por admiradores, já foi comentado em *chats*, os apresentadores já deram várias entrevistas (replicadas quase ao infinito), sites de todo tipo divulgaram medição de Ibope. A experimentação acelerada e cotidiana da mídia carrega demandas: produtos conectados às inovações, ligados aos modos de leitura contemporâneos, permeados pelos desafios de ser um contador de histórias que carrega uma câmera, que modifica as emoções ao mesmo tempo que as captura, que ressignifica as informações ao mesmo tempo que as capta.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA ESTADO. Band estreia o jornalístico 'A Liga' no dia 4 de maio - AE – **Estadão: Arte e lazer**. Disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,band-estreia-o-jornalístico-a-liga-no-dia-4-de-maio,531284,0.htm>>. Acesso em julho de 2010.



- BAND. **A liga**. Programa. Disponível em <<http://www.band.com.br/aliga/programa.asp?secao=programa>>. Acesso em julho de 2010.
- BARBERO, Jesus-Martín. **Dos meios às mediações**. Tradução Ronald e Polito Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997
- BORGES, Luana. Rosanne Mulholland deixa a atuação de lado para virar repórter de "A Liga". **Televisão UOL**. 25/05/2010 - 05h06. Disponível em <<http://televisao.uol.com.br/ultimas-noticias/2010/05/25/rosanne-mulholland-deixa-a-atuacao-de-lado-para-virar-reporter-de-a-liga.jhtm>>. Acesso em julho de 2010.
- BRAGA, José Luiz. **Processos de aprendizagem para uma sociedade de interação mediatizada**. Rede Prosul. São Leopoldo/RS, 10 a 12 de outubro de 2007.
- DO NOME. Programa “**A Liga**”, com **Rafinha Bastos**, na **Band**. Disponível em <<http://donome.com.br/programa-a-liga-com-rafinha-bastos-na-band>>. Acesso em julho de 2010.
- FOLHA. Em "A Liga", Rafinha Bastos vira morador de rua por 2 dias em SP. 04/05/2010 - 07h39. **Folha ilustrada**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u729827>>.shtml. Acesso em julho de 2010.
- JARDIM, Vera. Mandou bem. Estréia de A Liga dobra a audiência da Band. **O fuxico**. Disponível em <<http://ofuxico.terra.com.br/materia/noticia/2010/05/04/estreia-de-a-liga-dobra-a-audiencia-da-band-143804.htm>>. Acesso em julho de 2010.
- KUZMAN, Thais. Polêmica na tv aberta. "A Liga", com Rafinha Bastos", estreia com a proposta de desconstruir formato jornalístico. **Colherada Cultural**. 4 de maio de 2010. Disponível em <http://www.colheradacultural.com.br/content/20100504102958.000.12-M.php>. Acesso em julho de 2010.
- LEAL, Bruno Souza; VALLE; Flávio. O telejornalismo entre a paleo e a neotevê. **Contemporânea**. vol. 6, nº 1. Jun.2008. Salvador: UFBA, 2008.
- RICCO, Flávio. Band troca "E-24" por "A Liga". **Televisão UOL**. 29/03/2010 - 00h05. Disponível em <<http://televisao.uol.com.br/colunas/flavio-ricco/2010/03/29/band-troca-e-24-por-a-liga.jhtm>>. Acesso em julho de 2010.
- SILVA, Fernanda Maurício da. Conversa leve e embate intelectual:O Infotainment no Marília Gabriela Entrevista. **ECO-PÓS**. Vol. 12, No 2 (2009): Comunicação Comunitária. Rio de Janeiro, 2009.
- UOL. Rafinha Bastos divulga trailer de "A Liga", que estreia em maio na Band. **Na telinha UOL**. Disponível em <http://natelinha.uol.com.br/2010/04/14/not_30477.php> Acesso em julho de 2010.